

Considerações sobre o marxismo e o pós modernismo

Adelmo José da Silva¹

Resumo: Deparamo-nos hoje com uma crítica por parte da contemporaneidade em relação à pós modernidade. Esta crítica contemporânea sobre a pós modernidade tem como foco, sobretudo, o pensamento de Karl Marx que elaborou uma análise e uma reflexão detalhadas do sistema capitalista, bem como a apresentação de uma alternativa de cunho social, político e econômico para a sociedade. Perguntamo-nos sobre o que representa e qual o sentido real desta crítica contemporânea à pós modernidade. Nosso trabalho visa, especialmente, contribuir no esclarecimento sobre o significado e o sentido de algumas das ideias de Marx serem alvo por parte da crítica contemporânea à pós modernidade.

Palavras-chaves: Marxismo; Crítica; Contemporaneidade; Pós-modernidade; Sociedade.

Abstract: Today we are faced with a critical by the contemporary with respect to post-modernity. This contemporary critique of post-modernism focuses, above all, the thought of Karl Marx who prepared an analysis and a detailed reflection of the capitalist system, and the presentation of an alternative social, political and economic to society. We wonder about what is and what the real meaning of this critical contemporary to post-modernity. Our work is focused especially contribute to the clarification of the meaning and the meaning of some of Marx's ideas being targeted by the contemporary critique of post modernity.

Keywords: Marxism; criticism; contemporaneity; Postmodernity; society.

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A expressão pós-modernidade é possível de ser encontrada em diversas áreas de atuação. Pensamos que uma das características do pensamento pós-moderno é precisamente a tese partilhada de que não se pode conceber um pensamento inteiramente acabado e muito menos absoluto. Neste sentido, a pós-modernidade marca a sua posição questionando a validade de certas afirmações de cunho epistemológico, políticos, éticos e econômicos.

Neste sentido, o pensamento pós-moderno, ao levantar dúvidas sobre a validade absoluta de dimensões fundamentais que caracterizam a existência humana, rompe com a ideia de ser possível pensar um mundo completamente acabado e sem mais nada para se realizar. Fica descartado, pelo discurso pós moderno, a possibilidade de existência de um referencial axiológico capaz de reger a realidade.

Há quem afirme que o discurso em defesa da pós-modernidade é resultado da descrença e desilusão frente a uma série de acontecimentos que marcam o Séc

¹ UFSJ-Brasil.

XX, como guerras, catástrofes, dentre outros mais. Afirmam que tudo isto teria provocado o surgimento do posicionamento filosófico que caracteriza a pós modernidade.

A crítica contemporânea sobre a modernidade sugere que a mesma representa tão somente os interesses de uma classe dominante do ponto de vista político, econômico e social. Estas críticas se voltam sobretudo para o pensamento de Karl Marx. Especialmente no que diz respeito à sua posição diante do capitalismo com suas conseqüências, sua previsão acerca do modelo capitalista e sua alternativa política para a sociedade.

Sem a pretensão de esgotar este tema tão vasto e profundo, procuraremos mostrar alguns esclarecimentos sobre o sentido da crítica contemporânea à pós-modernidade, especialmente ao pensamento de Marx.

2. MARX E A FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA

É fato que, contemporaneamente, se fale sobre a necessidade de se repensar o pensamento de Karl Marx. Os que defendem esta posição afirmam que grande parte do que ele apresentou filosoficamente já esteja superado. Esta fala sugere a necessidade de uma reinterpretação do pensamento marxista como forma de atualizar a sua filosofia. Ao sugerirem este procedimento acreditam que esta seja a única maneira de se resgatar a sua cientificidade e tornar o seu pensamento condizente e adequado aos tempos atuais. Esta ideia partilhada pelos marxistas analíticos como Gabriel Cohen e John Elster, afirmam que esta seria uma forma eliminar algumas inconsistências e ambiguidades ali presentes. E que o resultado deste procedimento de eliminação de ambiguidades e inconsistências seria a precisão e o rigor científico que este pensamento político passaria a possuir.

Esta corrente, marxismo analítico, através deste empreendimento intelectual, procurou aproximar ao máximo o pensamento de Karl Marx com a realidade contemporânea. No entanto, ao procurar reduzir as complexidade das relações sociais, o real funcionamento do capital, o que nele há de imanente e intrínseco, acabou por se distanciar se do autêntico sentido e originalidade do pensamento de Karl Marx. Exemplo deste procedimento é John Elster, que elaborou o conceito de “individualismo metódico”, onde propõe, de certa forma, uma desconsideração do significado conferido a Marx a alguns de seus conceitos básicos como capital, classes sociais e outros. Considera que tais conceitos, os quais são fundamentais na estruturação e apresentação do pensamento de Marx, necessitam serem substituídos. Inclusive a ideia de indivíduo, considerado o único em verdadeira condição de possuir um agir dentro da sociedade. Esta sugestão aponta no sentido de apresentar o indivíduo mediante o qual se explicaria a sociedade, os modos de produção, a sociedade e mesmo o capital.

Acontece que o indivíduo, da forma como é apontado pelo marxismo analítico, é um indivíduo que se distancia e muito do pensamento marxista. Pois este conceito parece nos apresentar um indivíduo voltado somente para os seus interesses privados e negligenciando o aspecto social e coletivo tão enfatizado no pensamento de Karl Marx.

Há também uma outra corrente que é contrária àqueles que consideram o pensamento de Marx como ultrapassado e destituído de significado atual. Este grupo afirma que este pensamento goza de vitalidade e que não esteja ultrapassado. O argumento geralmente utilizado por estes é que os acontecimentos da atualidade confirmam a pertinência de seu pensamento. Citam as frequentes crises econômicas, o desgaste ecológico do planeta, o alto índice de violência que se faz presente especialmente nas grandes cidades, o terrorismo que, cada vez mais, assombra países, dentre outros. Tais fatos estão a confirmar a ideia de que o pensamento de Marx encontra-se mais atual e insuperável.

Um dos representantes deste posicionamento é Jorge Nóvoa, que afirma ter havido um verdadeiro desencanto em relação à modernidade. Esta havia prometido um mundo de sonhos, onde fosse possível a felicidade através dos desenvolvimentos tecnológico e científicos. Houve, igualmente, a previsão por parte da modernidade de que seriam melhoradas as condições de vida das pessoas, onde seriam proporcionados maior volume de recursos para sanar dificuldades e males que afetavam as pessoas naquele período. E, no entanto, estas promessas de melhoramento das condições de vida e de se proporcionar de um maior grau de felicidade não aconteceram de fato, contrariando as previsões da modernidade. Vejamos este posicionamento mediante as palavras Jorge Nóvoa:

«[...] o capitalismo, na leitura de muitos intérpretes, não faz senão confirmar os prognósticos da crítica marxiana. O desemprego não desaparece, ao contrário, tem crescido em termos globais, as crises de superprodução se ampliam, assim como a queda da taxa média de lucro dos diversos setores capitalistas que só é contrariada pelos setores especulativos do capital financeiro, ou aqueles de natureza destrutiva como o tráfico de armamentos, drogas, influência e corrupção. A recessão que grassa globalmente desde 1974 não demonstraria, desse modo, que se trata de uma crise orgânica? Ou, não obstante a gravidade através da qual assume a cena, não seria mais uma crise importante a ser superada a médio e a longo prazo?» (Nóvoa, 2007: 8).

É dentro deste quadro de desilusão e desencanto com as promessas e expectativas não cumpridas que o pensamento de Karl Marx aparece, situando-se num momento de crítica. Seu pensamento, enquanto crítica voltada a esta situação de desencanto com a modernidade, constitui a mais consistente crítica dirigida aos processos históricos. E de uma forma muito específica, constitui a mais estruturada crítica aos mecanismos que fazem parte do sistema responsável pela produção de mercadorias.

Dentro desta mesma linha de crítica à modernidade, Karl Marx trava um embate com os idealistas, de modo bem particular com Hegel e os neo-hegelianos. Em especial nas obras *As obras críticas da filosofia do direito de Hegel* (1843), *Sagrada família* (1844) e *Ideologia Alemã* (1845-1846), deparamos com este embate e é onde Marx faz severas críticas a este projeto moderno. De acordo com suas palavras, o grande equívoco de Hegel teria sido no sentido de não ter superado a abstração e

ter permanecido simplesmente no puro pensar. Seu pensamento não mostrou elementos onde se pudesse vislumbrar uma aplicabilidade em termos concretos. O que faz com que Marx o interprete e o veja meramente como um pensamento especulativo, sem provocar implicações na realidade. Hegel, através de seu idealismo, realiza uma separação do homem concreto e real, fazendo do mesmo algo equivalente à sua autoconsciência.

Após a morte de Hegel, seus seguidores fizeram uma reinterpretação de seu pensamento numa tentativa de se obter uma compreensão melhor e mais esclarecida de sua filosofia. É quando encontramos dois grupos bastante distintos que disputavam esta interpretação. Um destes grupos é aquele que vai interpretar o seu pensamento como pensamento de direita. É aquele grupo que estará mais voltado para o aspecto formal de sua obra. Outro grupo, constituído mais de jovens, vai interpreta-lo sob o ângulo da esquerda, vendo no mestre um pensador revolucionário. Estes pensadores de esquerda, onde se inclui nomes como o de Bruno Bauer, Luidwing Feurbach, David F. Strauss, procuraram se empenhar em um movimento que visava a transformação revolucionária da realidade alemã. Embora cada um a seu modo específico, mas o que os unia era o empenho conjunto dirigido, de forma bastante precisa, no sentido de fazer acontecer a revolução da sociedade alemã.

No entanto, Karl Marx não concorda com estas interpretações e releituras do pensamento de Hegel. Bruno Bauer, por exemplo, permanece ligado ao conceito hegeliano de autoconsciência que procede da filosofia de Hegel, mais especificamente de sua obra *Fenomenologia do espírito*.

Karl Marx considera que mesmo havendo este esforço de interpretação do pensamento de Hegel, esta pretendida interpretação de esquerda ainda encontrava-se muito presa e amarrada àqueles conceitos hegeliano abstratos fortemente por ele criticados. E a interpretação de Bruno Bauer sobre o pensamento de Hegel, não aceita por Marx, recebeu deste a crítica de ser simplesmente uma versão distorcida da filosofia da história e de não estar verdadeiramente conectado com a realidade histórica. É também a filosofia de Bauer, concebida por Marx, como uma reflexão de cunho teológico e não filosófico, ao desenvolver conceitos abstratos que, na verdade, em nada correspondia à realidade.

Bruno Bauer faz uma aposta de que a verdade pudesse ser encontrada ao lado do espírito e da crítica. Isto é refutado por Marx que considera o seguidor de Hegel, em se tratando deste conceito, como um verdadeiro equivocado por conceber a verdade como um autômato quando deveria conceber-la como um esforço humano, como criação dos indivíduos reais dentro da história.

Marx afirma ainda que, se por acaso Bruno Bauer estivesse certo, a busca da verdade aconteceria de um maneira muito específica e particularizada. Não haveria a necessidade de um esforço humano para encontrá-la, tampouco de uma pesquisa, mas sim apenas seguir um caminho previamente traçado, sem maiores preocupações e cuidados e esforço humano a ser empreendido. Reforça ainda mais a sua crítica a Bauer, voltando-se para um artigo escrito pelo neo-hegeliano intitulado *Escritos mais recentes acerca da "questão judaica"*. Em sua crítica a este artigo, Marx afirma não ser possível adquirir uma verdade da forma como era apresen-

tada por Bruno Bauer. A verdade pode sim ser obtida pelo homem mergulhado dentro da história. Este é um aspecto que não pode, de forma alguma, ficar esquecido e ser negligenciado.

O homem é um ser capaz de buscar e atingir os seus objetivos através de esforços, e não de maneira automática. Isto seria até desmerecer a sua capacidade de busca e todo um conjunto que o faz de si um sujeito ativo e não passivo do ponto de vista histórico.

Karl Marx deseja reforçar a ideia de que a verdade se encontra fora do homem e que deva ser buscado dentro da história através do esforço e da luta. Não se pode imaginar uma busca de forma automática, onde se precisasse somente seguir um caminho previamente estabelecido. Isto seria reduzir o homem a um autômata, onde se minimizasse o seu grau de consciência e sua capacidade para lutar, perseguir e conseguir atingir os seus objetivos dentro da história.

Não existem verdades prontas, acabadas e passíveis de serem atingidas sem o menor esforço, sem luta e especialmente fora da história. A verdade é resultado de esforço de empreendimento, de perseguição dentro da realidade histórica da forma mais concreta possível, não havendo qualquer espaço para a abstração. E a história serve para apresentar a verdade ao homem, sempre desafiado a busca-la. Portanto história e verdade são dois conceitos que, no entender de Marx, aparecem sempre entrelaçados e condizentes um com o outro. São dois conceitos inteiramente compatíveis e incapazes de serem pensados de maneira isolados. O palco da história é sempre lembrado por ele como o lugar inteiramente privilegiado para o embate. Também é o espaço ideal para a busca com chances reais de se encontrar o objeto da aspiração humana que é a verdade. Quer dizer, o entendimento de Marx é no sentido de mostrar a história como realidade que existe com o objetivo de demonstrar a verdade ao homem.

Na perspectiva de Bruno Bauer, a história é entendida como um verdadeiro processo de elevação da verdade à autoconsciência. Os dois conceitos história e verdade surgem no pensamento de Bruno Bauer de forma muito metafísicas. Aparecem como realidades irreais e distantes do mundo concreto das pessoas com seus problemas, seus desafios, suas lutas, seus anseios... Enfim, são realidades separadas do homem real e da vida concreta.

Mas é na “Ideologia alemã” que Karl Marx realiza a sua crítica mais austera aos neo-hegelianos. Ao mesmo instante em que realiza esta crítica, que nos parece ser conduzida até às últimas consequências, desenvolve a sua concepção materialista da história que terá uma grande repercussão inclusive na contemporaneidade. É incisivo e direto ao criticar os neo-hegelianos que imaginam ser possível transformar a realidade com as ideias. Isto é algo inconcebível para Marx que considera completamente sem sentido, ilusória e simplesmente ideológico a tentativa por parte destes de querer mudar a história somente através do domínio das ideias. São por ele considerados ideológicos os filósofos que alimentam esta pretensão, a seu ver, totalmente descabida e infundada. Este mesmo posicionamento prossegue em suas teses sobre Feuerbach.

Deste modo, Marx considera que são pretensões completamente inconsistentes e que desmerecedoras de crédito, visto que a verdadeira libertação deve

acontecer única exclusivamente, pela mudança da realidade. O mesmo descarta outro meio que não seja exclusivamente este.

Quando da época do lançamento do “Manifesto comunista”, Marx e Engels apresentam, já no início, a principal tese de sua crítica, ao assinalar que não há outra forma de interpretar a sociedade senão marcada pela constante luta de classes. Fica evidente que os dois pensadores concebem que o antagonismo é um mecanismo essencial na compreensão de toda a história do processo social. Neste antagonismo, do qual falam Marx e Engels, entram em cena diversificados jogos de forças e também de interesses que sempre estiveram presentes nas relações sociais. Sugerem, igualmente, que nestes jogos de interesses e de forças houve sempre a priorização dos interesses da classe dominante no que se refere à política.

Marx, portanto, rompe com uma forma de filosofar em que a prioridade era concedida às ideias. Não apenas faz críticas à mera abstração no campo filosófico como também sugere que a filosofia deva ter ressonâncias e aplicações na realidade. De que a reflexão filosófica deve produzir mudanças e não se contentar em ficar unicamente no campo especulativo, sem produzir efeitos e ter implicações na vida social. Há, portanto este verdadeiro rompimento com esta forma de filosofar, que é vista por este pensador como que exclusivamente especulativa. Ao mesmo tempo inaugura uma maneira diferente de filosofar.

Percebemos, a partir do exposto acima, que Karl Marx desautoriza todas as formas de certezas pretendidas absolutas, prontas e acabadas e que se apresentavam como solução para a sociedade. Tais verdades, antes tidas como inquestionáveis e detentoras da verdade, agora com esta nova forma de conceber a filosofia, se tornam relativizadas e destituídas de autoridade. Não existem mais receitas prontas e abstraídas da simples especulação e que possam ser alternativa e solução para os problemas que afetam o homem em todas as suas dimensões. Não há mais como busca tais verdades na abstração, como fonte única do saber e como sinônimo de verdades sem limites.

Esta visão acerca do feito de Karl Marx é muito bem apresentada e ilustrada por Gianni Vattimo, que afirma ter sido ele o grande denunciador das ideologização das ideias. Segundo ele, Marx teria observado que aqueles que pretendiam apresentar ideias prontas e inquestionáveis estavam equivocados. Agiam como ideólogos à medida que não contemplavam o conjunto total das ideias preconcebidas como verdadeiras. Frente ao conjunto da totalidade das ideias, o ideólogos selecionavam aquelas que lhe pareciam mais adequadas e condizentes com seu interesses. Usavam critérios de escolha, no mínimo, duvidosos. E, ao selecionarem tais ideias, de acordo com conveniências e interesses, criavam um conjunto parcial posteriormente tido e apresentado como a totalidade do conjunto das ideias. Era o trabalho ideológico que não concebe a realidade como um todo e que possui um visão fragmentada do real.

A denúncia de Karl Marx foi nesta direção e dirigida especialmente aos construtores de ideologias dos valores. É dirigida inclusive àqueles que acreditavam que a ideologia viesse responder de fato à expectativa do homem moderno em busca de um situação melhor em todas as dimensões da vida.

Ao mesmo tempo em que realiza esta denúncia, Marx inaugura uma nova forma de se fazer filosofia, onde a verdade, longe de ser buscada na abstração e na especulação, passa a ser buscada na história e de forma muito concreta. Eis as palavras de Gianni Vattimo, neste sentido:

«[...] não são valores absolutos, apenas são funcionais para certos interesses, exigência dos indivíduos, dos grupos e das classes sociais: são, por isso, ideológicos. A ‘crítica da ideologia é aquele discurso filosófico que desmascara mentira, consciente ou não, do interesse e da parcialidade que se ocultam nos valores difundidos como absolutos e universais». (Vattimo, 1990: 81)

A pertinência do pensamento de Marx pode ser notada na contemporaneidade. E de modo especial através da influência que este exerce sobre pensadores como Marcuse, Adorno, Mezzaros, Jameson e outros mais que aqui não são citados.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fredric Jameson e Terry Eagleton são unânimes em afirmar que o pós modernismo expressa uma relação bastante estreita entre as formas simbólicas e as formas econômicas presentes dentro do atual contexto do capitalismo. O que é traduzido como uma relação de intimidade entre estas duas esferas. E esta relação de intimidade entre estas duas instâncias pode ser bem interpretado com a afirmação de que a única perspectiva que se vislumbra é a da lógica do mercado. Esta lógica do mercado que, de forma lenta e gradativa sempre, acabou por transformar tudo o que existe em mercadoria. Tudo é entendido sob a ótica do mercado, está voltado para o mundo dos negócios e numa escala cada vez mais crescente.

A partir do que é considerado por estes dois pensadores através desta reflexão crítica, encontra-se a ideia de que a pós modernidade desencadeou-se naquilo que Jameson denomina de o estágio mais avançado do capitalismo. Que igualmente pode ser visto como a lógica de dominação do mercado que é uma das dimensões essenciais do capitalismo.

Deste modo, o supracitados pensadores, de modo mais incisivo Jameson, afirmar que a pós modernidade não representa a não superação do capitalismo. Isto porque, dentro do atual quadro em que este sistema se encontra, o seu mecanismo de funcionamento agora recebe a denominação de pós modernismo. Esta posição se assenta sobre o fato de não haver a separação entre a economia e a cultura, que acontece, dentro desta realidade, como algo em função de mercado.

Deste modo se pode falar de um nova teoria posta em substituição e superação do capitalismo. Ao contrário, o que se pode notar é que a pós modernidade acontece trazendo em si uma lógica que acaba por justificar o atual estágio em que se encontra o capitalismo.

Sob este ângulo, notamos que o processo de desenvolvimento do capitalismo trouxe algumas consequências para o homem e para a sociedade de uma forma geral. Dentro destas consequências, é possível de ser notado a presença da

fragmentação do homem na sociedade. O homem que deveria ser um ser concreto dentro da comunidade política, não é outra coisa senão um simples integrante abstrato de uma determinada comunidade política. Em segundo lugar, este mesmo homem é, igualmente membro da comunidade civil. E é aqui que se pode falar do homem desdobrado em duas dimensões.

Aquele que é membro da sociedade civil encontra-se numa situação por demais peculiar. Não está voltado para os interesses da sociedade como um todo, não visa o bem comum, não se importa com o seu destino e os interesses da mesma. Trata-se de um homem exclusivamente voltado para os seus interesses particulares e de acordo com as suas conveniências pessoais. Sua atenção está centrada na defesa de seus interesses particulares, onde se inclui, sobremaneira, a sua propriedade. Sua individualidade é defendida a qualquer custo sem se importar, de longe, com os interesses da sociedade de uma maneira geral.

A outra fragmentação, quer dizer, o que é membro abstrato da comunidade política, é uma suposta realidade, uma verdadeira abstração, visto não existir de forma concreta. É apenas um homem pensado da forma mais abstrata possível.

Assim, dentro deste quadro de desenvolvimento do capitalismo, o homem possui esta dupla existência, que não somente se distingue radicalmente uma da outra. Porém, mais do que distinguir-se uma da outra, fazem oposição uma frente a outra. Há portanto, distinção e oposição de uma parte em relação a outra.

Ainda sob este ponto de vista, perguntamos pelo significado das críticas e afirmações que comumente se fazem sobre o marxismo, e em especial a afirmação de que esta reflexão política já estaria inteiramente superada, anacrônica e superada. Perguntamos, em que sentido se falar de superação do pensamento marxista, quando nos deparamos com alarmantes disparidades sociais, econômicas, sociais e políticas? E quando nos voltamos para a questão das oportunidades, igualmente perguntamos, até que ponto elas acontecem de forma justa, onde todos estariam sendo contemplados de maneira igualitária? E isto acontece meio a um discurso que, cada vez mais, vai se tornando comum dentro do capitalismo atual. É quando se propaga a ideia de que é necessário um ajuste, uma melhor distribuição de rendas, uma atenção maior às oportunidades a serem concedidas a todas as pessoas indistintamente. E este discurso traz consigo a ideia de o sistema, por si mesmo, traz em seu bojo a insuperabilidade. Discurso este inclusive partilhado e difundido por sindicatos, cuja história, especialmente nos Séculos XIX e XX eram os responsáveis por impulsionar a classe trabalhadora.

Concluindo, consideramos que o pensamento de Marx tem muito a dizer frente a uma série de acontecimentos de ordem política, social e econômica a que hoje assistimos. Por outro lado, notamos uma tentativa de domesticação de seu pensamento de Marx. Tentativa esta empenhada, notadamente, por aqueles que não desejam mudanças na ordem que aí se encontra. E que são resistentes e conservadores, muitas vezes, por temerem transformações que certamente os forçariam a se desinstalar das comodidades políticas, sociais e econômicas em que se encontram.

O pensamento político de Marx é uma denúncia, uma crítica, mas também um convite a uma emancipação de tudo aquilo que estigmatiza e aliena a existência humana em seus diversificados aspectos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Buey, F. F. (2004). *Marx (sem ismos)*. Rio de Janeiro: UFRJ.
- Eagleton, T. (1993). *A ideologia da estética: da polis ao pós-modernismo*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Jameson, F. (2002/1991). *Pós-modernismo: alógica cultural do capitalismo tardio*. São Paulo: Ática.
- (1993). Conversas sobre a nova ordem mundial, in R. Blackburn, *Depois da queda*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Marx, K. (2005). *Crítica da filosofia do direito de Hegel*. Tradução R. Enderle e L. de Deus. São Paulo: Boitempo.
- (2005). *Manifesto do partido comunista*. São Paulo: Ed. Universitária São Francisco (Coleção Pensamento Humano).
- (2004). *A miséria da filosofia*. São Paulo: Ícone.
- (2004). *Manuscritos econômico-filosóficos*. Tradução J. Ranieri. São Paulo: Boi tempo.
- (2003). *A sagrada família*. Tradução de M. Backes. São Paulo: Boitempo.
- (1989). A questão Judaica; in K. Marx, *Manuscritos econômico-filosóficos*. Tradução de A. Morão. Lisboa: Edições 70.
- Marx, K. & Engels, F. (1996). *A ideologia alemã*. Tradução J. C. Bruni e M. A. Nogueira (8 ed.) São Paulo: HUCITEC.
- Mészáros, I. (1981). *Marx: a teoria da alienação*. Tradução W. Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Nóvoa, J. (2007). *Incontornável Marx*. Salvador: UDUFBA; São Paulo: UNESP.
- Roemer, J. E. (1989). *El marxismo: uma perspectiva analítica*. Tradução R. Núñez Zúñiga. Fondo de Cultura Económica.
- Vattimo, G. (1990). *Filosofia al presente. Conversazioni con F. Barone, R. Bodei, I. Mancini, V. Mathieu, M. Perniola, P.A. Rovatti, E. Severino, C. Sini*. Milano: Garzanti.
- Wood, A. W. (2004). *Karl Marx: arguments of the philosophers*. (2 ed.). New York: Routledge.